

Laboratório analisa vestígios

Sebastião Pedro

A seção de Perícias de Laboratório é uma das mais importantes do Instituto de Criminalística da CPE. Nela, são feitas todas as análises referentes aos vestígios coletados no local do crime, com exceção da Balística, que tem uma seção própria.

A perita criminal Mirian Lúcia Takeuchi, da Coordenação de Polícia Técnica, disse que um pequeno vestígio no local do crime pode servir de material para identificar o suspeito ou excluí-lo das investigações.

“Nós, da seção de Perícias, analisamos todo material coletado, como forma de chegarmos o mais rapidamente possível ao criminoso. Colhemos, se tiver no local do crime, material como sangue, pêlo, fragmentos de pele ou unha, esperma, em caso de estupro, saliva e ossos. Com tudo isso em mãos, começamos as análises e com o resultado iniciamos as comparações com as características do suspeito”, explica Mirian, que também é formada em bioquímica.

O Instituto de Criminalística está tão preocupado com o desenvolvimento profissional e com o reaparelhamento do órgão, que enviou para os Estados Unidos dois peritos para realizar curso de Especialização em DNA — técnica por RFLP (paternidade) e técnica por PCR (amostra forense), com o objetivo de ter técnicos capacitados para exercer suas funções no futuro laboratório de DNA, a ser implantado na Criminalística.

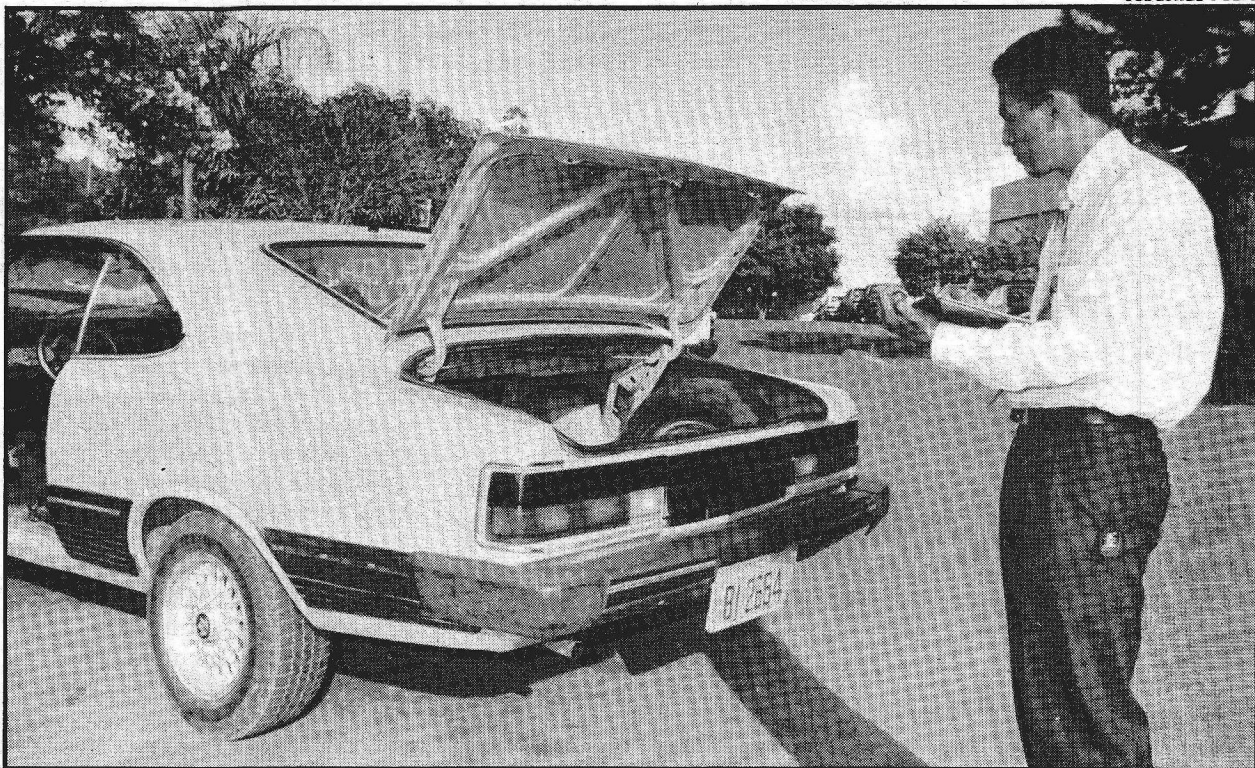
“Estamos esperando os recursos provenientes do GDF para implantarmos o laboratório de DNA, que será muito útil à população, particularmente às pessoas que foram vítimas de algum tipo de violência”, informa Mirian, sem esquecer de frisar que a Criminalística já tem pessoal preparado para dominar qualquer técnica de investigação.

A perita informou ainda que dois casos de estupro, ocorridos no DF, foram analisados nos Estados Unidos, no Lifecodes Corporation, em Stamford, órgão este habilitado a ensinar técnicas modernas de investigação a policiais dos EUA e de todo o mundo.

Locutor — Mirian Takeuchi informou que a Fundação de Apoio à Pesquisa já aprovou a implantação do laboratório de Reconhecimento de Locutor para Aplicações Forenses (reconhecimento de vozes), que será muito útil em casos de seqüestros. O projeto antes de ser aprovado pela fundação teve parecer favorável dos técnicos da Unicamp (Universidade de Campinas-SP), e fará com que a Polícia Civil do DF seja uma das mais bem aparelhadas do País.

O delegado e coordenador de Polícia Técnica, Eloy Nonato da Silva, afirmou que, com a implantação deste laboratório, os crimes de seqüestro serão rapidamente solucionados, com a possibilidade de fazer a análise auditiva (fala) do criminoso, além de facilitar a análise espectrográfica do locutor, que é a marcação do tempo e da frequência da voz do investigado.

“Nada é perdido. A fita grava o sinal de voz e capta a frequência, amplitude, sotaque, entre outras características da voz do criminoso”, resume o delegado.



Os peritos vasculham tudo em busca de vestígios que possam ajudar na elucidação dos crimes

Uma seção para combater as fraudes

Outra seção importante da Coordenação de Polícia Especializada é a seção de Documentoscopia, que é a responsável pela investigação e exames que objetivam verificar a autenticidade ou não de documentos. O perito criminal daquela seção, Alexandre Eglem, informou que 80% das investigações feitas no seu setor são orientadas para esse trabalho.

Segundo Eglem, a Documentoscopia já resolveu muitos casos de fraudes e falsificações através de exames de moeda, de máquina de escrever, impressões de carimbos, bilhetes de ameaças, além de realizar o exame grafoscópico (não confundir com grafológico), que identifica o

autor de uma escrita mediante comparações com modelos padrões.

“Se uma pessoa, por exemplo, recebe um bilhete que ameaça sua vida, nós analisamos esse bilhete, sem antes, é claro, perguntar ao ameaçado sobre seus possíveis inimigos. Se ele apontar um, nós o convocamos e fazemos o exame comparativo entre as letras do bilhete e a do suspeito. Escolhemos palavras e mandamos ele reescrevê-las várias vezes, quantas forem necessárias, para depois analisá-las”, explica Eglem.

O perito criminal disse que o ameaçado também tem de fazer o exame, pois pode ocorrer de ele pró-

prio ter escrito o bilhete para incriminar o seu desafeto. Eglem disse ainda que a seção de Documentoscopia participou ativamente das investigações sobre o economista José Carlos Alves dos Santos, ex-diretor da Comissão de Orçamento do Congresso Nacional, que tinha em sua casa pastas cheias de dólares que, posteriormente, foram analisados pela polícia.

“Fizemos o exame de moeda, e foi verificado que algumas notas, a minoria, eram falsas. Analisamos as séries, cor, papel, números, ano de impressão, entre outras características, e assim foi relativamente fácil chegar a esta conclusão”, comenta Eglem.